

## Sócrates

VICENTE DE P. IANNINI

A juventude de Sócrates coincide com o esplendor de Atenas, na época de Péricles. Concorde-se geralmente em que o séc. V a.C. foi um dos períodos mais fecundos na história universal e em que ainda estamos mal equipados para avaliá-lo corretamente. Seria especialmente desejável que conhecêssemos mais sobre aquelas duas décadas (460-440), quando Protágoras e Heródoto visitaram Atenas, quando o gênio grego produziu algumas de suas melhores tragédias ou quando Sócrates ensaiou a sua dialética. Aí se encontram alguns dos homens que mais contribuíram para o desenvolvimento intelectual e espiritual da humanidade e que exerceram sua influência através da palavra escrita ou falada. Mas dessa literatura, pouco nos chegou. Foi, mesmo, sorte que o drama ático tenha sobrevivido em parte. É verdade que dispomos da obra de um Heródoto ou de um Tucídides, mas, além disso, temos que basear nossa avaliação numa mistura heterogênea de tradição e fragmentos, historietas e imitação. Os numerosos fragmentos de Empédocles e de outros autores pouco nos instruem sobre a filosofia política de então. Para isso, precisaríamos de conhecer Protágoras e seu contemporâneo, ainda jovem, Sócrates. Da grande produção do primeiro, quase nada nos chegou; o segundo, simplesmente se recusou a escrever.

Com um material tão magro, qualquer interpretação do séc. V se torna arriscada e subjetiva. Teria sido uma época de Iluminismo, em que a superstição e a moralidade da tradição estavam sendo abaladas? Teria sido um período de grande produção científica ou um período em que a inutilidade da Ciência se patenteava? Haveria, então, um conflito entre Religião e Ciência, entre Ciência e Humanismo ou entre Humanismo e Religião? Quaisquer que sejam as

respostas a essas perguntas, não pode haver dúvida de que a Atenas dessa época foi intelectualmente produtiva. Certamente que, entre as causas de tal predomínio, estava a situação política da cidade.

Ao êxito da esquadra ateniense em Salamina, seguiu-se rápida expansão do poderio naval, garantindo-se a hegemonia ática no Egeu. Numerosas cidades e ilhas dispuseram-se a pagar tributos a Atenas, em troca de proteção contra a ameaça persa. Com o domínio marítimo, vieram a expansão comercial e a prosperidade. Instalou-se grande orgulho nacional. Cobiçava-se o poder. Os pais não se poupavam esforços para garantir aos filhos o máximo de educação que o dinheiro pudesse comprar. O Estado protegia o povo, nutria-o, dava-lhe teatro e festivais, numa palavra, cultura. Em compensação, dele exigia destreza e capacidade na condução da coisa pública. Por toda parte, discutia-se a melhor forma de educação para a vida na *pólis*. Em todo o mundo helênico, a exemplo da metrópole espiritual, colocavam-se questões semelhantes. As respostas, naturalmente, variavam, uma vez que cada cidade tinha a sua própria *politéia*, sua vida própria, exigindo cada qual soluções originais. Em Atenas, o caminho da fortuna e as oportunidades estavam abertos a todo adulto masculino preparado (menos ao indivíduo rigorosamente pobre). A arte de convencer pela palavra era o objetivo buscado por inúmeros jovens e homens dispostos a pagar bem a quem lhes transmitisse tais conhecimentos. De tudo isso, surgia um individualismo extremado, e o campo se abria à atuação dos sofistas.

Nessas circunstâncias, o contato com leis, costumes e religiões diferentes produzira no ateniense um relativismo feroz. Já não tinha sentido o aforisma de Heráclito: "Todas as leis humanas nutrem-se de uma única lei divina". O único fato verdadeiramente universal era que, por toda parte, nasciam, cresciam e morriam homens. Pela observação, notava-se que a *physis*, a *natura*, como diziam os romanos, dos homens era a mesma. O homem antigo se caracteriza pela sua *Diké*.

Agora, os sofistas buscam outro enfoque. O pensamento cosmológico perde terreno a favor do humanismo. E assim, pouco a pouco, substitui-se a teoria pelo pragmatismo, a *alétheia* pela *areté*, o conteúdo pelo formalismo.

Sócrates está nesse meio. Mas Sócrates vai padecer o drama da decadência de sua Cidade. De fato, ali se instala a prepotência. A hegemonia ateniense e o apoio desafortado a Corcira contra Corinto acabam atizando os ódios de Esparta, e, pouco depois, tem início a Guerra do Peloponeso, com a destruição do poderio ático em 404. Cai a democracia. O poder passa aos Quatrocentos, daí aos Cinco mil e, finalmente, aos Trinta Tiranos.

Sócrates quer entender o processo de decadência de Atenas. Talvez, também ele enxergasse, nos desvios sofistas, no ceticismo religioso ou no cosmopolitismo acrítico, a fonte dos problemas. Assume, então, uma postura revolucionária, renunciando ao formalismo retórico. Desenvolve dialética arrasadora que lhe vale numerosos inimigos. Sonha com uma aristocracia intelectual, com a formação de um grupo seletivo e "exorcizado" de amigos: Antístenes, Alcibiades, Crítias, Euclides e Fédon. Mais tarde, Platão e Xenofonte.

#### AS FONTES

O motivo por que Sócrates nada nos deixou escrito talvez possa ser visto nas palavras de Tamus, rei egípcio, a Theut, o inventor da escrita: "Tu ofereces aos alunos a aparência, não a verdade da sabedoria; porque, quando eles, graças a ti, tiverem lido tantas coisas sem nenhum ensinamento, julgar-se-ão na posse de muitos conhecimentos, apesar de permanecerem fundamentalmente ignorantes e serão insuportáveis para os demais, porque terão não a sabedoria, mas a presunção da sabedoria." (Fedro, 275 e).

Assim, nosso conhecimento de Sócrates deriva de outras fontes, e essas não nos podem brindar o que delas exigimos. De fato, são de uma época em que ainda não existiam a História da Filosofia e a Biografia. No máximo, dispomos da apologia e do panegírico e, posteriormente, do gênero literário do diálogo, com Platão.

Nossas fontes, por outro lado, refletem as reações que a figura controversa de Sócrates despertava entre os contemporâneos. De um lado, um grande entusiasmo, donde a apologia; de outro, o ódio, donde a detração.

As fontes mais antigas são do segundo tipo: os poetas cômicos. Dentre esses, sobressai a figura de Aristófanes que nos confunde Sócrates com os sofistas. O fracasso da primeira versão de sua peça "As Nuvens" levou muitos a atribuírem o fato a uma reação dos atenienses à caricatura deformadora do cômico. Na segunda versão, Aristófanes chega a sugerir a condenação de Sócrates, mediante o incêndio final do *phrontistérion*, ou seja, da escola em que se ensinava como a "causa pior" prevaleceria sobre a "causa melhor", incêndio em que perecem Sócrates e seus discípulos. "Aristófanes consideraba esta comedia su obra maestra, quizá más que por la forma, por el ataque a quien consideraba corruptor de las nuevas generaciones atenienses". (Tovar, *Vida de Sócrates*, p. 23). Mas "el error de Aristófanes es confundir a Sócrates con los innovadores que llegaban a Atenas y precipitaban la evolución intelectual y la concepción moral de la ciudad." (Tovar, op. cit., p. 23).

O Sócrates de Xenofonte está bem caracterizado nestas palavras de Robin: "Talvez o Sócrates que nos apresenta Xenofonte seja mais humano. Mas sua humanidade é tão medíocre e tão vulgar, que a profundidade de sua vida, o excesso dos entusiasmos que suscitou ou das hostilidades tornam-se inteiramente inexplicáveis." (*La pensée grecque*, p. 187). Embora, portanto, pretendesse deixar-nos uma imagem de Sócrates tal como foi, o que vemos é uma figura vulgar, tosca, utilitarista, que reflete mais a mediocridade de seu biógrafo. Sua verdade histórica é igualmente problemática; entre os críticos, alguns rechaçam Xenofonte na sua objetividade, como: C. Joel, L. Robin, H. Maier, enquanto outros o defendem, como: Doring, H. Weissenborn, H. von Arnim e H. Gomperz.

Platão torna-se, então, a principal fonte para o estudo de Sócrates. Alguns historiadores, como Burnet, chegam mesmo a considerá-lo como nossa única fonte, desprezando inteiramente os demais testemunhos.

Platão, como Xenofonte, pretende reabilitar, perante os atenienses, a imagem do amigo. Tem, pois, toda uma linha apologética e não hesitou em lançar mão de seu gênio literário para fazê-lo com mais vigor. Nos seus primeiros diálogos aproxima-se bastante

de Xenofonte, tratando de temas como a moral, a virtude e o sumo Bem. Já os diálogos posteriores são mais problemáticos, uma vez que, talvez, reflitam muito mais as idéias do próprio Platão que as de Sócrates. Em quase todos os diálogos, a figura de Sócrates é posta em relevo, observando-se, entretanto, que no último, *As Leis*, ela não aparece. Alguns contam diretamente os últimos dias de sua vida: a defesa no tribunal (*Apologia*); permanência na prisão (*Crítón*); últimos momentos (*Fédon*).

Os historiadores Burnet e Taylor julgam tratar-se aqui do Sócrates histórico e que se deve atribuir a este quantas doutrinas lhe atribui Platão. Schleiermacher achava que a *Apologia* tivesse sido a defesa real de Sócrates, ao contrário de Schanz que via aí um discurso fictício. Erwin Wolff considerava-a muito mais uma obra filosófica e Thomas Meyer, uma construção filosófica cujo ponto de partida fosse o pensamento jurídico habitual.

Aristóteles, por sua vez, atribui a Sócrates doutrinas éticas, a indução e o conceito universal (definições), mas diz expressamente que a teoria das Idéias é de Platão.

Atualmente, a tendência mais generalizada entre os críticos é buscar uma concordância entre os testemunhos de Xenofonte, Platão e Aristóteles para delimitar aquilo que constituiu objetivamente as atividades de Sócrates.

## SÓCRATES E OS SOFISTAS

Sócrates não fugia, talvez ironicamente, à regra de seus contemporâneos frente aos sofistas: admirava-se de sua capacidade em transformar a sabedoria dos homens. Não se recusava a receber lições de mestres mais jovens, e remetia mesmo seus discípulos a homens como Pródico, Górgias ou Polo.

Tendo-se por sábios natos, os sofistas empenhavam-se num exercício de sabedoria sobre-humana, capaz de colocá-los acima dos golpes da sorte. Sua petulância, inflada de ciência aparente, contrastava com a personalidade irritantemente humilde de Sócrates que se dispunha a aprender de qualquer um que houvesse estudado a sério qualquer assunto.

Se os sofistas a tudo podiam responder, Sócrates possuía a arte de perguntar com um objetivo definido. A ironia empregada, por vezes, nesse ofício, era o único procedimento capaz de superar a antinomia de que quem diz nada saber seja exatamente quem não se conforma a um saber de aparências. A dialética dirigida de maneira determinada e inflexível na busca à essência, deixava os seus interlocutores tontos, donde a exclamação de Eutidemo: "Estou a ponto de não saber nada!"

Lançando a decadência de Atenas à conta das frivolidades dos sofistas, Sócrates, no entanto, não deixava de apresentar com eles aspectos concordantes. O ateniense médio certamente o tinha também como um sofista, e Aristófanes não teve altitude intelectual ou moral para estabelecer a diferença.

Dada a crise de ceticismo provocada pelas controvérsias cosmológicas não solucionadas durante o período pré-socrático, tanto sofistas como Sócrates ingressam no estudo dos problemas práticos da conduta ética com forte preocupação antropológica.

Embora com métodos e objetivos contrastantes, a educação da juventude desempenhava interesse comum. No entanto, a formação enciclopédica e retórica desagradava a Sócrates, mais inclinado ao conhecimento e à prática do bem, da justiça e da virtude. Face ao utilitarismo a que visava a *paidéia* sofística, face ao venalismo dos adversários, apresentava-se pobre e com amor quase erótico à verdade. A melhora do indivíduo é a pré-condição para presidir aos negócios do Estado.

Igualmente o saber não pode servir ao egoísmo, mas à *eudaimonia*, à felicidade. Encontra-se, pois, no campo ético, e não na ontologia dos cosmólogos. Dessa, os sofistas derivam sua atitude sensista, fenomenista. Dessa, o subjetivismo e o relativismo aplicado ao campo moral e político. Dos cosmólogos, Sócrates podia aproveitar, no máximo, o método que permitia reduzir a multiplicidade das coisas à unidade de um princípio. O cosmos não podia ser definido e era simples fonte de controvérsias. Dos sofistas, Sócrates pôde tomar o interesse pelo homem e o método dialético, agora desviado noutro sentido. Sócrates confia na Razão e não nos sentidos.

## PECULIARIDADES E MÉTODO

De tudo isso, podemos caracterizar com Zeller o princípio da filosofia socrática: “Lo que Sócrates, al servicio del dios de Delfos, se propone, es descubrir el verdadero saber, el saber de la esencia de las cosas por el cual se afana incesantemente con sus amigos, es la demanda de un verdadero saber aquello a que en última instancia reduce también él todas las exigencias morales, y gracias a la energía con que defendió esta demanda fué, entre los griegos, el creador de una ética independiente. No le basta que los hombres obren rectamente, sino que conviene que sepan también por qué lo hacen; pide que no sigan un impulso oscuro, un entusiasmo confuso o una destreza rutinaria, sino que obren a base de una conciencia clara, y al echar de menos en ellos esa nota, no sabe hallar la verdadera sabiduría en el arte de sua época, por elevado que fuera el nivel de este. En una palabra, pues, lo que hay en el fondo de la filosofía de Sócrates, es la idea del saber. Pero un saber es lo que importa a toda filosofía; por consiguiente, esa tesis tenía que completarse en todo caso con la otra de que la aspiración al verdadero saber, que en los anteriores era solamente una actividad indirecta, instintiva, se convierte por vez primera en Sócrates en conciente y metódica, y de que por vez primeira en él la idea del saber como tal apareció en la conciencia y concientemente pasó a ser la dominante.” (Zeller, *Sócrates y los Sofistas*, p. 117-118).

Vemos aí sua atitude mística, ligada à missão a que se propõe de instruir a juventude no viver retamente. É esse misticismo que permite compreender sua atitude diante do Tribunal que o julga, e ainda, sua recusa à fuga da prisão facilitada por amigos. A “voz interior” (*daimon*) que dizia ouvir, orientara sua vida, e não seria o espectro da morte que o afastaria de sua missão.

Outra peculiaridade de Sócrates era a identificação que fazia entre Ciência e virtude. Nenhum homem, com efeito, pode fazer o mal conscientemente. O mal é essencialmente nocivo a quem o faz. O bem, por outro lado, é o mesmo que o útil, e a condição da *eudaimonia*. Quem faz o mal é porque crê fazer um bem a si mesmo, e nisso reside o engano. Toda ação má, portanto, resulta do erro e esse da ignorância. Já a virtude é o conhecimento exato da

realidade das coisas, é um *saber*. Assim, no *Hípias Menor*, a demonstração de que ninguém faz o mal voluntariamente processa-se através de prova indireta ou de redução ao absurdo: admitindo-se a concepção do mal cometido conscientemente, chega-se, por lógica, a uma série de conclusões escandalosas.

Disso, resulta uma necessidade imperiosa de definir. Definir claramente as virtudes morais, em primeiro lugar. A definição, a chamada “caça às essências”, é uma das grandes contribuições de Sócrates à filosofia. Constitui a última etapa do método que ficou conhecido como *método socrático*. Conhecida a essência de determinado valor ético, segue-se a ação, porque agora se dispõe de um conceito universalmente válido, não mais uma atitude relativista. É o império da Razão.

O método socrático tinha o aspecto geral do uso do diálogo vivo, já que o escrito — e a isso já nos referimos no começo, quando lembramos a passagem do *Fedro* (275 e) — tolhia o uso livre do melhor no homem: seu caráter racional. A ironia, a maiêutica e a “caça às essências” constituíam suas etapas.

Podemos concluir, mais uma vez, com Zeller: “De esta suerte pasó a ser Sócrates un reformador a la vez moral y científico: su gran idea era la transformación y restauración de la vida moral por medio de la ciencia, y estos dos elementos se hallaban tan indisolublemente unidos para él que no sabía dar al saber otro objeto que la vida humana e no veía para la vida otra salvación que el saber. La historia atestigua qué servicio prestó a ambas con esa su aspiración y de qué modo determinante influyó en la situación espiritual de su pueblo y de la humanidad”. (*op. cit.*, p. 12)

#### BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- CLASSEN, C. J. (organizador) *Sophistik*, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1976 (especialmente o artigo de Alan Sinclair, *Protagoras and Others — Socrates and his Opponents* (1951)).
- FRAILE, G. *Historia de la Filosofía*, Grecia y Roma. B. A. C., 1976.
- MONDOLFO, R. *Sócrates*. Ed. Mestre Jou, S. Paulo, 1972.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena. *Estudos de História da Cultura Clássica*, I Vol., Cultura Grega. Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- TOVAR, A. *Vida de Sócrates*, Revista de Occidente. Madrid, 1947.
- ZELLER, E. *Sócrates y los Sofistas*. Ed. Nova, Buenos Aires, 1955.